



## **O discurso de poder do Branco sobre o Índio materializado no espaço museal do Forte do Presépio em Belém do Pará.**

Vera Maria Segurado Pimentel

Professora Mestre e Docente da Universidade da Amazônia - UNAMA

*email: pimentel\_106@hotmail.com*

### **RESUMO**

O presente artigo procura analisar o discurso hegemônico de poder do branco sobre os índios, baseado nas teorias de Foucault e em estudos culturais de Canclini, materializados nas imagens, expostas no Museu do Encontro, espaço museal localizado no interior do Forte do Presépio em Belém do Pará. O Forte, local inicial da fundação de Belém, teve como primeira função, a de proteger e preservar a futura cidade de invasões clandestinas e também dos próprios indígenas, em várias manifestações de revolta dos 'gentios' contra os 'invasores' portugueses. Pode-se aqui, uma das mais importantes: a revolta do índio Guaimiaba, conhecido como Cabelo de Velha, em virtude dos cabelos brancos compridos, morto em combate no espaço onde se encontra a sala expositiva do Museu, que leva o seu nome. O espaço, após um longo período de exploração por parte do exército brasileiro, foi entregue ao Governo do Estado para revitalização e destinado à exposição do chamado 'encontro' entre colonizadores e indígenas. No seu interior estão expostos diversos objetos que contam a história das principais civilizações indígenas da Amazônia e artefatos do contexto dos colonizadores. Dentre os objetos apresentados, estão peças em cerâmicas Marajoaras e Tapajônicas, imagens representativas dos Índios, algumas com características europeias, além de objetos que fazem parte da realidade dos colonizadores, como artefatos de porcelana, moedas, botões de fardas militares, entre outros. A partir da montagem da exposição, em sentido horário, percebe-se a materialização do discurso referente a essas identidades, do poder e da dominação, do branco sobre o índio, presentes em belos exemplares considerados obras de arte, legitimados não só por aqueles que selecionam, organizam e montam a exposição, mas também pelo público visitante. Tal mostra provoca uma reflexão crítica sobre as questões relativas à colonização, não só no Brasil, mas também em outros países que ainda hoje passam por algum tipo de dominação, seja esta econômica, política ou cultural, sobrepujando comunidades como as indígenas. O resultado é uma crítica a esse tipo de mostra de arte, a partir da produção de discurso daqueles que encomendam e não do olhar de quem está sendo dominado.

**Palavras-chave:** Forte do Presépio; Posse; colonizadores; Índios

### **ABSTRACT**

The present article analyzes the hegemonic discourse of white power over the Indians, based on Foucault's theories and Canclini's cultural studies, materialized in the images, exhibited in the Museum of the Encounter, a museum space located inside the. The Fort, the initial site of the foundation of Belém, had as its first function, to protect and preserve the future city of clandestine invasions and also of the natives themselves, in various manifestations of revolt of the 'gentios' against the Portuguese 'invaders'. One of the most important fight was the Guaimiaba Indians' revolt, known as the "Hair of old woman", because of its long white hair, killed in combat in the space where there is the Museum's exhibition room, which bears his name. The space, after a long period of



exploration by the Brazilian army, was given to the State Government for revitalization and destined to expose the so-called 'encounter' between colonizers and indigenous people. In its interior are exposed various objects that tell the history of the main indigenous civilizations of the Amazon and artifacts of the context of the colonizers. Among the objects presented are Marajoaras and Tapajônicas ceramics, representative images of the Indians, some with European characteristics, as well as objects that are part of the settlers' reality, such as porcelain artifacts, coins, military uniforms, among others. According to the exhibition's assembly, in a clockwise direction, it can be perceived the materialization of the discourse referring to these identities, of power and domination, of white over the Indian, present in beautiful examples considered works of art, legitimized not only by those who select, organize and set up the exhibition, but also by the public. This exhibition provokes a critical reflection on the issues related to colonization, not only in Brazil, but also in other countries that still experience some type of domination, as economic, political or cultural, surpassing communities such as indigenous people. The result is a critic of this kind of art show, from the production of the discourse of those who order and not the look of who is being dominated.

**Keywords:** Preseprio Fort - possession - Indians - settlers

## INTRODUÇÃO

Belém do Pará. Nossa Senhora de Belém do Grão Pará. Metrópole da Amazônia. Cidade das mangueiras, da chuva da tarde, do povo hospitaleiro. Quantos adjetivos para classificar esta terra de tantas histórias. Do calor escaldante que se refresca ao final da tarde com a brisa da baía. Baía de Guajará, as águas por onde chegaram os seus primeiros conquistadores, onde acontece o “encontro” entre portugueses e gentios. Mas será que pode se considerar “encontro” realmente?

Segundo o dicionário Ruth Rocha (200:232), “encontro” quer dizer “local onde as pessoas se reúnem para embate, choque, disputa, prélio”. O que realmente ocorreu aqui, de acordo com a história, foi um ato de dominação violento, com batalhas arrasadoras por meio dos portugueses contra os gentios.



Ivânia Neves <sup>1</sup>(2009:51), citando Manuela Carneiro Cunha (2002) acrescenta:

Povos e povos desapareceram da face da terra como conseqüência do que hoje se chama num eufemismo envergonhado “o encontro” de sociedades do Antigo e Novo Mundo. Este morticínio nunca visto foi fruto de um processo complexo, cujos agentes forma homens e microorganismo, mas cujos motores últimos poderiam ser reduzidos a dois: ganância e ambição, formas culturais da expansão do que se convencionou chamar capitalismo mercantil.

O artigo em questão analisa o Museu do Encontro, espaço constituído no interior do Forte do Presépio em Belém do Pará, local dito “encontro” entre a cultura colonizadora portuguesa e a indígena. Pode-se perceber que o discurso hegemônico se materializa não só na origem da fortaleza, mas também na montagem museológica, que simbolicamente continua em poder do branco, o que será analisado posteriormente.

## O NASCIMENTO DO FORTE DO PRESÉPIO

Ao dominarem o espaço localizado entre o Rio Guamá e a Baía do Guajará, bem estratégico por sinal, a intenção dos colonizadores não foi só de ocupar a terra, mas também de reivindicar a posse do Rio Amazonas e controlar toda região banhada por ele.

Constrói-se então um Forte. Forte, Fortaleza, quer dizer “processo de fortificar e defender uma cidade” (ROCHA, 2001:291), que fazia o elo com o que já estava possuído. Portanto, este foi o ponto de partida do que viria a se chamar Feliz Lusitânia e posteriormente Nossa Senhora de Belém do

---

<sup>1</sup> Ivânia Neves é doutora em Linguística pela Unicamp, autora da tese **A Invenção dos Índios e as Narrativas Oraís Tupi**, professora da disciplina Análise do Discurso do programa de Pós Graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura da Universidade da Amazônia. Pesquisadora, é responsável pelo projeto “**Crianças suruí-aikewara entre a tradição e as novas tecnologias**”, da Universidade da Amazônia - UNAMA. <http://aikewara.blogspot.com/2010/08/projeto-criancas-surui-aikewara-entre.htm>. Acesso 26 out 2010.



Grão Pará. O Forte, início da cidade, uniu o rio a terra, o “gentio” ao desbravador, o possuidor ao dominado.

À dois de janeiro de 1639, Pedro Teixeira redigiu em Quito uma carta endereçada ao Presidente da Audiência deste local que dizia:

Nesse grande sítio tem Sua Majestade uma fortaleza que chamam ‘O Presépio’, situada na Cidade de Belém; dista do mar 25 léguas [e] fica na banda leste, numa ponta de terra firme mui saudável e fertilíssima. (...) Está situada a dita fortaleza sobre uma grande enseada que ali faz o rio, tendo à vista três caudalosos rios: o primeiro se chama Capim, o segundo Oscanza [Acará?], o terceiro Moysu [Mojú].

A cidade do Pará está ao sul em dois terços [de grau] menos alguns minutos. Os holandeses têm chegado sondando [explorando] até o sítio de caça Juro [?], quatro jornadas inteiras acima do Tapajós e têm feito muitíssimo esforço para povoá-lo. (Pedro Teixeira In: PAPAVERO, op. cit., p. 154. apud Castro. Disponível em < <http://parahistorico.blogspot.com/2009/02/exploradores-e-fundacao-de-belem.html>,> acesso em 03 ago 2010).

Povoá-lo como? As terras já eram povoadas pelos primeiros moradores da região, personagens nômades encontrados por aqui, que causaram grande estranhamento aos desbravadores por seus costumes culturais diferentes: não usavam roupas, falavam uma língua diferente, comiam carne humana e eram considerados “pardos”.

Em Neves (2009:42), a carta de Caminha comenta este fato:

A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem caso de encobrir ou deixar de encobrir suas vergonhas, do que mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência.

Essa descrição vem a ser dos Tupinambás. Povo que lutou arduamente em defesa do “seu” território, não aceitando pacificamente a dominação. Todavia, em muitas situações os índios foram apresentados como vilões, como no poema de Padre Anchieta, em Neves (2009:62):



Essa raça selvagem, sem a menor lei, perpetrava crimes horrendos contra os mandados divinos, proferindo impunemente ameaças contínuas e altivo discurso. Então, com arrogância o índio sanhudo olhava para os cristãos e estes entrincheirados detrás dos muros tremiam de pavor vergonhoso(...).

O Forte foi o espaço do *encontro e do choque* entre sujeitos históricos portadores de culturas simbólicas e materiais diferentes e individualizados. A afirmação da cultura material portuguesa superior as das populações tribais do norte do Brasil, produziu resultados disseminadores que um choque dessa envergadura poderia produzir, segundo Coelho (2006:23).

As lutas pela defesa de seus espaços foram avassaladoras, principalmente para as tribos. Guaimiaba ou Cabelo de Velha, chefiou umas das maiores batalhas em 7 de janeiro de 1619 contra a força lusitana, tendo sido derrotado no espaço que atualmente leva seu nome, em justa homenagem.

O encontro só foi atenuado pela ação evangelizadora de missionários religiosos, que aqui chegaram com a intenção de “cristianizar” aqueles que, no seu entendimento não conheciam Jesus Cristo, eram considerados pagãos, sendo ridicularizados em sua fé, condenada a ação dos pajés e determinado que a confissão era indispensável para relação religioso-índios.

Na verdade o que se viu foi um tipo de “adestramento” dos indígenas pela ação dos religiosos. Segundo Foucault<sup>2</sup>( 1998),

O poder disciplinar é, com efeito, um poder, que em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”, ou sem dúvida, adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele

---

<sup>2</sup> **Michel Foucault** foi importante filósofo francês. Nasceu em 15/06/26 e morreu em 25/06/84 em consequência da AIDS. Em contato com a psicologia, a psiquiatria e a psicanálise, leu Platão, Hegel, Marx, Nietzsche, Husserl, Heidegger, Freud, Bachelard, Lacan e outros, aprofundando-se em Kant. Publicou várias obras, entre as quais Vigiante é Punir sobre a disciplina nas sociedades modernas.( Uol biografias. Paul Michel Foucault. Disponível em < <http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u720.jhtm>.> acesso 09 ago 2010



não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. (FOUCAULT, 1998, 17ª ed., p. 143).

Os religiosos precisavam “evangelizar”, “cristianizar” com discursos, segundo Neves (2009:53) “relacionados à humildade e a igualdade dos homens” na tentativa de justificar o “escravizar”, o “adestrar” de forma “abençoada” (GALEANO in: Neves, 2009:53), já que a intenção real era o ensino dos ofícios, para posteriormente usá-los como mão de obra.

A ação mais relevante dessas missões religiosas foi sem dúvida, a dos Jesuítas. A função desses religiosos era reunir grupos nativos em aldeamentos, promover sua conversão e aculturação. Nos aldeamentos, os indígenas eram isolados, aprendiam ofícios e passavam a produzir o que lhes era ensinado. Todavia, esse contato interferiu de forma explícita na vida cultural dessa sociedade tribal, com a imposição de regras expressas, não só nos costumes, como o uso de roupas, na alimentação, com a introdução de uma culinária nova, mas, principalmente, em uma maneira de deixá-los dependentes desses favorecimentos, o que ainda hoje acontece nas fronteiras da Amazônia, segundo Neves, (2009).

## O MUSEU DO ENCONTRO

Nestor Canclini<sup>3</sup>(2006), afirma que:

Se o patrimônio é interpretado como repertório fixo de tradições condensadas em objetos, ele precisa de um palco-depósito que o contenha e o proteja e um palco-vitrine para exibi-lo (CANCLINI, 2006, p.169).

---

<sup>3</sup> **Nestor Canclini** é antropólogo argentino, radicado no México. Estudioso de cultura e pós-modernidade, foca o seu trabalho principalmente nas sociedades latino-americanas. É autor de *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da Modernidade*. (CANUTO, Frederico. **hiting you as hard as I can. Biografia Canclini** Disponível em <<http://hitingyouashardasican.blogspot.com/2007/06/d14.html>> acesso 09 ago 2010



Se somarmos um palco-depósito que abrigue esses objetos tradicionais e um palco-vitrine para exibi-los, teremos como resultado: o museu. O autor acrescenta que o museu é a sede do cerimonial do patrimônio, o lugar em que é guardado e celebrado, onde se reproduz o regime semiótico com que os grupos o organizaram (CANCLINI, 2006. op. cit.).

Mas, também acrescenta que foram esse grupos hegemônicos, donos naturais da terra e da força de trabalho de outras classes, os que fixaram o alto valor de outros bens culturais: os centros históricos das grandes cidades, a música clássica, o saber humanístico e outros bens sob o nome de “folclore”.

Analisando o histórico da construção do Forte do Presépio, a princípio apenas “um reduto defendido por paliçadas de madeira”(MALCHER, 2006:13) pode-se dizer que a “intenção” da viagem de Francisco Caldeira Castelo Branco às terras da Província Pará Maranhão era de demarcar o território e proteger a área, já dita propriedade dos lusos, de invasões de outros povos europeus.

Malcher (2006) afirma que ao chamarem de Maranhão o local de partida e não Maragnon, nome dado pelos espanhóis ao Amazonas, já evidenciava aqui sutilmente pelo domínio da língua, a marcação do território pelos portugueses que partiam do “seu” Maranhão à conquista do “seu” Amazonas. A idéia de dominação da área estava bem mais determinada do que a de proteção.

O Forte tornou-se patrimônio histórico tombado pelo IPHAN em 1962. Por muitos anos esteve sob a égide controladora do exército brasileiro, quando em 2002, através do Comando da 8a. Região Militar, o Governo do Estado do Pará e o Ministério do Exército formalizaram o contrato de alienação das áreas do Forte e do Palacete das Onze Janelas, que ficava próximo àquele, a partir de então sob a responsabilidade da Secretaria da Cultura, que deveria efetivar a transformação de ambas as áreas em futuros



espaços culturais<sup>4</sup>. Assim sendo, o Forte foi reinaugurado em 25 de dezembro de 2002 totalmente restaurado e no seu interior instalado o Museu do Encontro.

Segundo Canclini (2006), as mudanças na concepção dos museus (ambientações, serviços educacionais, introdução de vídeo), transformam-os de simples instituições de dispositivos do passado, em complementação escolar, vínculo de expressões simbólicas capazes de unificar regiões e classes de uma nação, organizar a continuidade entre o passado e o presente, entre o típico e o estrangeiro. Assim, o ditado popular “quem gosta de velharia é museu”, cai por terra, já que os museus hoje são lugares de encontros familiares não só de contemplação dos objetos expostos, mas também para um bate papo nos cafés, atividades interativas para crianças e com toda certeza, espaço de construção de conhecimento.

O museu aqui, objeto de análise, tornou-se hoje palco de estudos, de discursos antagônicos, onde o poder do branco ainda está preponderantemente superior ao do índio. Em seu interior estão expostas vitrines, quadros, banners, pôsteres, objetos que contam a história deste dito “encontro” nos tempos da colonização.

É interessante se observar que posta em sentido horário, a leitura da exposição inicia-se por aqueles que já eram moradores da região, os índios e termina com os colonizadores, em ilustrações que mostram não só esta parte da história do Pará, mas também outra não menos violenta e avassaladora: a Cabanagem. A revolta, a luta de um povo chamado ribeirinho contra um regime autoritário é exibida com a intenção de uma reflexão a respeito dos sujeitos que clamavam por uma sociedade mais justa, sem fome, sem miséria, legados às imposições lusas no pós-independência do Brasil.

---

<sup>4</sup> Fonte: Portal da Amazônia - Globo. Disponível em <<http://portalamazonia.globo.com/pscript/amazoniadeaaz/artigoAZ.php?idAz=373>> Acesso em 10 maio 2010.



Outro fato importante: a análise na montagem da exposição. Percebe-se que, do lado do rio, por onde chegaram os conquistadores lusos estão expostos os artefatos indígenas. As primeiras vitrines são organizadas com objetos que fizeram parte de duas culturas completamente banidas das sociedades indígenas: os Marajoaras e os Tapajônicos. Vale ressaltar que, em um pôster da exposição Tapajônica, podemos ver a representação da lenda do Muiraquitã, amuleto em forma de batráquio, que segundo a narrativa, traz sorte a quem o usa.

Contudo, o que vemos na imagem fotográfica, não é a representação real de uma índia, e sim de uma jovem com traços miscigenados e corpo escultural representando a índia em um rio, simbolizando o momento que ela vai ao fundo em busca da pedra, que transformada em amuleto é dada ao índio que a fertilizou.

O discurso, nesse caso, materializa-se no corpo escultural da “índia”, enfatizando o poder da imagem refletida no “belo”, o qual poderia ser ilustrado por uma índia real, já que para esse povo, as formas delineadas do corpo feminino nunca foram fundamentais para um tipo de acasalamento. O importante aqui é perceber que os sujeitos responsáveis pela encomenda da obra estão acostumados ao corpo coberto, em que as formas femininas não são vistas à luz do dia. Todavia, para o índio, acostumado ao corpo descoberto, ao corpo ao natural, esse atrativo não tem a importância revelada na fotografia.

Já do lado da terra, onde os primeiros moradores foram os índios, encontramos objetos dos colonizadores, como fragmentos de porcelana, garrafas de vidro, botões de fardas militares, armamentos que pertenceram ao exército e foram encontrados durante o período do restauro. Essa inversão de posição pode ser analisada, sem qualquer intenção de ser que, simbolicamente, a posse da terra continua nas mãos dos portugueses e os índios são meros visitantes.



Ao fundo da sala, nota-se a réplica do quadro de Antonio Parreiras<sup>5</sup>, “A Conquista do Amazonas”. O quadro, encomendado pelo então governador do estado, Augusto Montenegro<sup>6</sup>, foi pintado em 1908, e mostra o poder dos brancos explícito, na pose do português segurando uma bandeira demarcatória do lugar e os índios, meio acuados, atrás das árvores. Cabelo de Velha é representado na imagem de costas, com a cabeça baixa, como se estivesse acometido de profunda dor pela situação que se encontra.

Novamente, percebe-se na obra o discurso hegemônico não só do branco que a encomendou como do branco que a pintou, mostrando que as leituras vêm de encontro aos sujeitos que organizam, elaboram e criam, e que nesse caso, eram todos brancos, do branco que impõe, que determina e que define.

Por fim, encontramos três imagens fotográficas impactantes e de autoria desconhecida, expondo que a degradação, o banimento da civilização indígena no Brasil, a qual em números chegou a 5 milhões à época do descobrimento, não ocorreu apenas por meio das lutas, dos embates e dos choques com os portugueses, mas também por uma infinidade de problemas trazidos pelos brancos. Estamos falando das moléstias, da falta de estrutura nas aldeias, principalmente do descaso das autoridades, muitas vezes deixando-os a mercê da própria sorte.

O branco e o religioso trazem no seu discurso histórico as palavras “catequizar”, “aculturar”, como uma forma de justificar a transformação de uma cultura, sem se preocupar com as conseqüências

---

<sup>5</sup> **Antônio Parreiras** é natural de São Domingos, Niterói, Estado do Rio de Janeiro. Estudou com Jorge Grimm, juntamente com Hipólito Caron, Vasquez e Ribeiro. Muito cedo se tornou independente nos estudos, que os fez por si. Nasceu em 1860 e faleceu em 1937. Fonte: Info Escola . Disponível em <<http://www.infoescola.com/biografias/antonio-parreiras/>> Acesso 05 dez 2013

<sup>6</sup> **Augusto Montenegro** foi governador do Pará, de 1 de fevereiro de 1901 a 1 de fevereiro de 1909. Fonte: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves. Disponível em <<http://www.fcptn.pa.gov.br/index.php/a/a-titulos/augustomontenegro>> Acesso 05 dez 2013



dessas transformações, o que levou a situações catastróficas, com o desaparecimento de civilizações inteiras indígenas. A história ainda é contada hoje pelas mãos daqueles que tentaram silenciar toda uma população de identidades próprias, e que continua acontecendo em outras civilizações, como afirma Neves (2009:64):

(...)esta relação de dominação que aconteceu com as sociedades indígenas e com as sociedades africanas nos século XVI, ainda hoje continua se repetindo no Vietnã, no Iraque, na Faixa de Gaza, onde quer que existam pessoas querendo subjugar sociedades inteiras. Nestas situações sempre as invenções discursivas serão mais uma forma de violência contra os povos oprimidos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Museu do Encontro, no interior do Forte do Presépio, faz parte do Complexo Feliz Lusitânia, espaço museológico que reconstrói e preserva a memória histórica do encontro entre índios e portugueses, período de fundação e colonização da cidade de Belém do Pará.

A materialização do discurso referente a essas identidades, do poder e da dominação estão presentes em belos exemplares considerados obras de arte, legitimados não só por aqueles que selecionam, organizam e montam a exposição, mas também pelo público visitante, provocando uma reflexão crítica sobre as questões relativas a colonização, não só no Brasil, mas também em outros países que ainda hoje passam por algum tipo de dominação, seja esta econômica, política ou cultural.

## REFERÊNCIAS

CANCLINI, Nestor. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da Modernidade**. 4<sup>a</sup> ed. S. Paulo: Edusp, 2006



COELHO, Geraldo Mártires. **Forte do Castelo – Cenários e Enredos Culturais.** in: **Feliz Lusitânia – Forte do Presépio/Casa das Onze Janelas/Casario da Rua Padre Champagnat – Série Restauo.** Belém: SECULT/PA, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar é Punir.** 17ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.

MALCHER DE ARAÚJO, Renata. **Feliz Lusitânia – Forte do Presépio/Casa das Onze Janelas/Casario da Rua Padre Champagnat – Série Restauo.** Belém: SECULT/PA, 2006.

NEVES, Ivânia dos Santos. **A Invenção do Índios e as Narrativas Oraís Tupi.** 2009 209 f. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Instituto de Estudos da Linguagem( IEL). S. Paulo, 2009.

ROCHA, Ruth. **Minidicionário Ruth Rocha.**S. Paulo: Ed Scipione, 2001.

## **.DOCUMENTOS ELETRÔNICOS**

CANUTO, Frederico. **hiting you as hard as I can.** **Biografia Canclini,** 2007. Disponível em <<http://hitingyouashardasican.blogspot.com/2007/06/d14.html>> acesso 09 ago 2010

CASTRO, Leonardo. **A Fundação de Belém.** Pará, 2009. Disponível em <<http://parahistorico.blogspot.com/2009/02/exploradores-e-fundacao-de-belem.html>> acesso em 09 ago 2010.

KLICK EDUCAÇÃO: O portal da educação. **Enciclopédia Viva./C/CA/CASTELO BRANCO, FRANCISCO.** Disponível em <http://www.klickeducacao.com.br/enciclo/encicloverb/0,5977,POR-5704,00.html> ac<sup>1</sup>

.UOL EDUCAÇÃO – BIOGRAFIAS. **Paul Michel Foucault.** Disponível em < : <http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u720.jhtm>> acesso em 09 ago 2010.

<sup>1</sup> **Vera Maria Segurado Pimentel** é licenciada em Educação Artística pela Universidade Federal do Pará (1985) e Letras pela Universidade da Amazônia(2001). É especialista em Linguística Aplicada à Língua Inglesa, (UNAMA - 2002), mestre em



Comunicação, Linguagem e Cultura pela Universidade da Amazônia (2012). Atua com História da Arte, Comunicação e Língua Inglesa.